

O COLTAN E A GUERRA DO CONGO

COMITÉ DE SOLIDARIEDADE COM ÁFRICA NEGRA

Madrid

“Coltan” é a combinação de duas palavras que correspondem aos respectivos minerais: a columbita e a tantalita, dos quais se extraem metais mais cobiçados do que o ouro. Se tomarmos em conta que estes metais são considerados altamente estratégicos e agregarmos que 80% das suas reservas encontram-se na República Democrática do Congo, começaremos a vislumbrar porque há uma guerra neste país desde o dia 2 de agosto de 1998, porque dois países africanos como Ruanda e Uganda ocupam militarmente parte do território congolês, e porque já morreram mais de dois milhões de pessoas. O coltan é essencial para as novas tecnologias, estações espaciais, naves tripuladas que se lançam no espaço e às armas mais sofisticadas.

Esta guerra constitui a maior injustiça, em escala planetária, que se está cometendo contra um Estado soberano. Nas últimas décadas a história nos ofereceu tristes exemplos de assalto e até da ocupação militar de um país independente. O Iraque invadiu o Kuwait, e os EUA fizeram a mesma coisa em Granada, ainda que com resultados distintos. Bombardearam-se países como Afeganistão e Iraque, amparados por um duvidoso respaldo da ONU. Mas o que não havia acontecido desde a invasão de países europeus pela Alemanha de Hitler era a ocupação pura e dura de um território para aniquilar milhares de cidadãos e explorar os recursos minerais do país ocupado. É isso o que está acontecendo na R. D. do Congo. O que adiciona gravidade a esta pirataria é a passividade da comunidade internacional. Para aqueles a quem dói toda a opressão, assusta este desprezo por uma parcela da humanidade, duplamente ultrajada.

Já ninguém pode ignorar que a guerra de que padece a República Democrática do Congo tem como causa a depredação de metais preciosos e recursos estratégicos. Com isso se enriquecem alguns, e se financia a própria guerra. Os culpados são muitos. Segundo um grupo de especialistas da ONU, que elaborou um informe sobre a guerra neste país, o Exército Patriótico Ruandês (EPR) montou uma estrutura *ad hoc* para supervisionar a atividade mineradora no Congo e facilitar os contatos com os empresários e clientes ocidentais. Se criaram várias empresas mistas entre os negociadores europeus do coltan

e membros do APR e do círculo de pessoas próximas ao presidente ruandês Paul Kagame.

Um milhão de dólares por mês

O Exército ruandês translada o mineral em caminhões até Kigali, capital de Ruanda, onde é tratado nas instalações da *Somirwa* (Sociedade Minera de Ruanda), antes de ser exportado. Os destinatários finais são os EUA, Alemanha, Holanda, Bélgica e Cazaquistão. A companhia *Somigi* (Sociedade Mineira dos Grandes Lagos) tem o monopólio do setor; é uma empresa mista de três sociedades: *Africom* (belga), *Promeco* (ruandesa) e *Congecom* (sul-africana). Entrega 10 dólares por cada quilo de coltan exportado ao movimento rebelde Reagrupação Congoleza para a Democracia (RCD), que conta com cerca de 40.000 soldados, apoiados por Ruanda. “Com a venda de diamantes - declarou Adolphe Onusumba, presidente da RCD - ganhávamos cerca de 200.000 dólares ao mês. Com o coltan chegamos a ganhar mais de um milhão de dólares por mês.”

A mestiça paquistanesa-burundinesa Azazi Gulamani Kulsum, uma contrabandista famosa na região dos Grandes Lagos, é a gestora da *Somigi*. Esta mulher começou sua carreira em Bunia, vendendo tabaco de contrabando. Muito próxima ao dirigente hutu burundinês Léonard Nyangoma, era considerada há até pouco tempo a principal abastecedora de armas dos rebeldes ruandeses hutus. Hoje, graças à *Somigi*, trabalha com o exército ruandês, que a princípio se encontra em Kivu para perseguir aos hutus.

Na zona controlada pelos ugandeses - assinalou a jornalista Marina Rini depois de visitar o noroeste da R.D. do Congo - não existe monopólio. Assegura que em Butembo operam seis grandes compradores estrangeiros, oficialmente em competição entre si. Os empregados estrangeiros, com excessão de um ugandês, são todos soviéticos: russos ou cazaques. Sem revelar sua identidade confessaram a Marina Rini: “Vivíamos há muitos anos na África do Sul e agora viemos comercializar o coltan”. Deles, compra o Cazaquistão. Informações reservadas da ONU revelam que o tráfico é organizado pela filha do presidente cazaque, Nursultan Nazarbaev, através

de sociedades mistas belgas. A filha de Nazarbaev está casada com Vassili Mette, diretor geral da Ulba, empresa cazaque que extrai e refina urânio, coltan e outros minerais estratégicos. Ao que parece, Salim Saleh, irmão do presidente ugandês, Yoweri Museveni, não está fora deste florescente negócio.

Companhias ocidentais na exploração do coltan

Esta é, em linhas gerais, a sutil teia de aranha de um negócio internacional que está alimentando uma guerra no coração da África e empobrecendo os cidadãos de um dos países mais ricos da terra. Mas tem mais. O IPIS (Serviço de Informação para a Paz Internacional) realizou um estudo minucioso sobre a vinculação das empresas ocidentais com o coltan e com o financiamento da guerra na R.D. do Congo.

Os documentos reunidos por esta organização estabelecem que a companhia belga *Cogecom sprl* é um sócio chave no monopólio instaurado pelos rebeldes congolese. As transações entre *Somigi* e *Cogecom* envolveram 600.000 dólares para a RCD somente no mês de dezembro de 2000. Outras transações similares aconteceram entre *Somigi* e *Cogear*, uma companhia com uma direção fictícia na Bélgica.

A investigação sobre as atividades do grupo alemão *Masingiro GMBH* revelam três transações comerciais realizadas entre junho e setembro de 2001 e que cobriam a exportação de 75 toneladas de coltan. As quantidades em jogo fazem pensar que o coltan exportado pela companhia alemã procede de estoques acumulados pelo monopólio da RCD (a *Somigi*). Este coltan foi enviado à Alemanha através do aeroporto de Ostende e do porto de Amberes pelas três companhias de transporte TMK (vinculada à RCD), A.B.A.C. e NV Steinvweg (Bélgica). O coltan estava destinado sem dúvida à fábrica de tratamento de tântalo em mãos de *H.C. Starck*, filial da Bayer e líder mundial na matéria.

O homem de negócios suíço Chris Huber parece jogar um papel primordial no financiamento do esforço de guerra em Ruanda. A investigação demonstra que suas companhias *Finmining* e *Raremet* compram o coltan da *Rwanda Metals*, uma companhia que atua em nome do exército ruandês e o revende à fábrica de transformação Ulba no Cazaquistão. Sabe-se que existem transações entre a *Finmining* e a companhia cazaque de fretes *Ulba Aviadomapnia/Irtysh Avia* para o envio de coltan de Kigali ao Cazaquistão. Chris Huber poderia estar ligado a Victor Bout, um conhecido traficante de armas, fornecedor de diferentes grupos rebeldes e armados.

Eagle Wings Resources (EWR) é uma joint-venture

(empresa de risco compartilhado) entre a norte-americana *Trinitech* e a holandesa *Chemi Pharmacie Holland*. O representante local da EWR em Kigali é Alfred Rwigema, cunhado do presidente Paul Kagame. O informe das Nações Unidas acusa o presidente ruandês de jogar um papel motor na exploração dos recursos naturais da República Democrática do Congo. A direção da EWR afirma ter rechaçado propostas comerciais da *Grands Lacs Metals*, outra companhia de coltan controlada pelo exército ruandês.

Alcatel, Compaq, Dell, Ericsson, HP, Lucent, Motorola, Nokia, Siemens e outras companhias de ponta utilizam condensadores e outros componentes que contém tântalo, assim como as companhias que fabricam estes componentes como *AMD, AVX, Epcos, Hitachi, Intel, NEC*.

Objetivo: dividir o Congo

Estes obscuros negócios são, em primeira instância, os culpados de uma guerra que não se torna menos dramática e pesada por ser esquecida. Com um agravante: teme-se que sobre o mesmo território da R.D. do Congo pese a ameaça da divisão em vários estados, o que facilitaria mais ainda a exploração dos recursos. Isto já foi pressentido e denunciado por Cristophe Munzihirwa, arcebispo de Bukavu – e por isso o exército ruandês o assassinou.

Mais recentemente, o bispo congolês de Kaminha, Jean-Anatole Kalala Kaseba declarou: “os que criaram esta situação podem terminá-la, especialmente os EUA. A ONU está ali, inclusive na minha diocese. São observadores. Têm um programa que não querem dizer-nos. Asseguram que vieram para interpor-se aos beligerantes, mas vem a confirmar a repartição do país. Preferiríamos que estivessem em todas as cidades, mas não estão presentes em Uganda nem na Ruanda. Temos razões para crer que foram enviados pelas multinacionais. O presidente de Botsuana Kett Masire – o mediador do conflito congolês – disse claramente que se fracassar o diálogo inter-congolês, a ONU tomará de novo o país em suas mãos. Não é novidade. Esta guerra foi provocada para isso. A ONU quer que fracasse o diálogo inter-congolês para dirigir o país como um protetorado. Creio que a ONU está hoje a serviço de uma grande potência e faz o que esta quer.”

Isto não é apenas um temor. Em março de 2002, o governo de Ruanda, que converteu parte de Kivu em uma extensão de seu território, se apropriou de todos os serviços telefônicos nacionais de Buvaku.